

LIÇÕES QUE CLARICE LISPECTOR NOS ENSINA SOBRE A ESCRITA

LESSONS THAT CLARICE LISPECTOR TEACHES US ABOUT WRITING

José Cezinaldo Rocha Bessa¹

cezinaldobessauern@gmail.com.br

Resumo: Clarice Lispector é reconhecidamente um desses nomes da literatura brasileira que impressiona e surpreende o leitor pela capacidade e sensibilidade que tem, dentre outros aspectos, de tematizar, em suas obras, o processo criativo. Lispector é tida, portanto, como grande mestra na arte da escrita, como também na capacidade de refletir sobre a arte de escrever. Por assim entender, este texto toma reflexões sobre o ato de escrever presentes em obras de Clarice Lispector, mais precisamente nos livros *A hora da estrela* e *A descoberta do mundo*, com o propósito de explicitar algumas lições que se pode tirar dos dizeres dessa escritora para se pensar a atividade de escrita de um modo geral, e, em particular, a produção de textos na escola. Focalizando múltiplos aspectos da atividade de escrita, tais como a importância da leitura e da reescrita e o papel ativo do interlocutor, o presente texto configura um exercício pessoal de tentarmos encontrar e sistematizar algumas reflexões sobre a escrita a partir de uma autora que, fora do campo da investigação linguística e da educação, se apresenta como uma importante referência para um tratamento instigante e produtivo no debate sobre a temática da escrita. Nosso texto conclui apontando a necessidade de conhecermos mais de perto e mais profundamente os textos de Clarice e aprendermos com suas reflexões, como uma alternativa, talvez, aos textos acadêmico-científicos que, não raras vezes, enfrentam dificuldades de encontrarem interlocutores na escola e de se fazerem refletir mais concretamente nas práticas de sala de aula da educação básica.

Palavras-chave: Lições. Escrita. Clarice Lispector. Escola. Ensino.

Abstract: Clarice Lispector is admittedly one of Brazilian literature names that makes an impression and surprises the reader by the ability and sensitivity that has, among other things, of bringing up the creative process in her works. Lispector is considered, therefore, a great master in the art of writing, as well as the ability to reflect on the art of writing. That being so, this text takes reflections on the act of writing present in works of Clarice Lispector, more precisely in the books *A hora da estrela* and *A descoberta do mundo*, in order to clarify some lessons to be drawn from the wording of this writer, thinking writing activity in general, and in particular, the production of texts in school. Focusing on multiple aspects of writing activity, such as on the importance of reading and rewriting and on the active role of the interlocutor, this text sets up a personal exercise of trying to find and systematize some reflections about writing from an author who, out of the field of linguistic research and education, presents herself as an important reference for an exciting and productive treatment in the debate on the written subject. Our text concludes by emphasizing the need to know more closely and more deeply Lispector's texts and learns from their reflections as perhaps an alternative to the academic and scientific texts that are often in difficulty to find interlocutors in school and to reflect more specifically in the classroom practices of basic education.

¹ Prof. Assistente IV do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus de Pau dos Ferros, RN. Estudante de doutorado da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

Key words: Lessons. Writing. Clarice Lispector. School. Teaching.

*O contato com o outro ser através da palavra escrita é
uma glória.
Se me fosse tirada a palavra pela qual tanto luto,
eu teria que dançar ou pintar.
Alguma forma de comunicação com o mundo eu daria
um jeito de ter.
E escrever é um divinizador do ser humano.
Clarice Lispector*

1 Introdução

Neste texto, nosso propósito é refletir sobre a escrita, entendendo-a como esse lugar de “contato com o outro ser”, como “forma de comunicação com o mundo”, “como divinizador do ser humano”, conforme bem expressam as palavras de Clarice Lispector, na epígrafe acima. Fugindo um pouco do lugar-comum das pesquisas acadêmico-científicas, este trabalho não pretende se apegar a uma ou outra teoria ou recorrer a qualquer estudioso da área dos estudos linguísticos ou da educação para abordar a temática da escrita. Procuramos, portanto, tratá-la tomando como ponto de partida as falas que emergem de outro lugar: do dizer da escritora Clarice Lispector. Tomamos como fundamento as reflexões presentes em textos dessa escritora, para delas extrair algumas lições com vistas a refletirmos a atividade de escrita de um modo geral e não só da escrita profissional, bem como, em particular, sobre a produção de textos na escola.

Clarice Lispector é, reconhecidamente, um dos poucos nomes, senão caso raro, da literatura² que impressiona e surpreende o leitor pela capacidade e sensibilidade que tem, dentre outros aspectos, de tematizar o processo criativo em suas obras. Sem dúvida, essa escritora era grande mestra na arte da escrita, como era também mestra na capacidade de refletir sobre a arte de escrever. Em muitos de seus escritos, como atestam *A paixão segundo G.H.*, *A hora da estrela* e *A descoberta do mundo*, para citar apenas três, essa escritora é mestre na arte da escrita, como também o é na capacidade de refletir sobre essa arte. Como mostra a epígrafe acima, são reflexões de uma pertinência e vigor que, se bem assimiladas, podem ser bastante úteis não só para aqueles que pretendem ser escritores profissionais, mas

² Clarice Lispector faz parte do grupo de escritores de maior destaque do que se convencionou denominar de terceira geração do modernismo brasileiro e com vasta produção distribuída em escritos literários e jornalísticos. É considerada uma das escritoras brasileiras mais lidas e comentadas no mundo ao longo dos anos, figurando como um dos nomes mais importantes da literatura brasileira até hoje, razão pela qual tem sido objeto de estudo constante entre pesquisadores, como atestam diversos livros, biografias, teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos e ensaios científicos produzidos a respeito de sua obra.

também para professores de língua portuguesa e alunos dos diferentes níveis de formação educacional.

Mesmo conscientes de que a problematização da linguagem e, mais especificamente, do ato de escrever seja uma preocupação constante nas obras da autora, as lições que apresentamos aqui resultam de nossa leitura de duas dessas obras, *A hora da estrela* e *A descoberta do mundo*, nas quais pensamos encontrar elementos suficientes para os propósitos deste texto. Nesse sentido, tomamos, como fundamento, trechos das duas obras mencionadas, os quais, ao longo de toda a trama do presente texto, intercalar-se-ão com nossos apontamentos e reflexões.

2 A hora da descoberta das lições

Inicialmente, para nos fazer pensar sobre a condição e a complexidade do ato de criar/produzir textos, já que não se nasce sendo escritor, e a escrita não se rende a “fórmulas mágicas” de manuais de redação, tais como *Guia para escrever bem* e *A arte de escrever bem*, *Fórmula para escrever melhor*, Clarice nos ensina que escrever é uma *aventura* de elaboração muito difícil, de luta (in)tensa, desafiadora e árdua do sujeito com as palavras: “Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados.” (LISPECTOR, 1998, p. 19).

Se é exercício difícil e penoso – mas gratificante e prazeroso, como a autora insiste em dizer em outros momentos –, é porque, certamente, Clarice sabe que escrever é um trabalho com a palavra e, como tal, não se limita ao instante em que o produtor se encontra diante do papel em branco, como muitos acreditam ainda, inclusive professores de Língua Portuguesa. “Enquanto eu deixava “para amanhã”, continuava o desespero toda manhã diante do papel branco. E a ideia? Não tinha mais. Então eu resolvi tomar nota de tudo que me ocorria.” (LISPECTOR, 1976, s.p.). Clarice nos chama atenção aí de que o trabalho de escrita – e não só do escritor profissional –, não se realiza apenas no exato momento “doloroso” de encontro do produtor com o papel em branco. A luta para “achar” a(s) ideia(s) no momento da escrita, luta que angustia sempre muitos alunos, é elemento intrínseco dessa atividade, como faz crer e testemunha Clarice, já que sua escrita é também, como ela assume, marcada por essa angústia.

Assumindo que, quando o produtor se põe a escrever, “as informações são poucas e não muito elucidativas”, a autora nos ensina que as ideias vêm com o trabalho de tomar nota. Podemos interpretar isso como um gesto de reconhecimento, por parte da autora, da

importância que a leitura tem para a escrita, como atividades interdependentes que são e que devem ser sempre, não só na vida do escritor, como também no espaço de sala de aula e fora dele. Isso pode sugerir também que o tempo da escrita não é o tempo do aqui e agora. Se, no universo em que vivemos, cada um e cada coisa tem seu tempo, o tempo da escrita que Clarice nos apresenta é um tempo que se prolonga, que não se encerra no instante:

E nasci para escrever. A palavra é meu domínio sobre o mundo. Eu tive desde a infância várias vocações que me chamavam ardentemente. Uma das vocações era escrever. E não sei por quê, foi esta que eu segui. **Talvez porque para as outras vocações eu precisaria de um longo aprendizado, enquanto que para escrever o aprendizado é a própria vida se vivendo em nós e ao redor de nós.** É que não sei estudar. E, para escrever, o único estudo é mesmo escrever. **Adestrei-me desde os sete anos de idade para que um dia eu tivesse a língua em meu poder. E no entanto cada vez que eu vou escrever, é como se fosse a primeira vez.** Cada livro meu é uma estreia penosa e feliz. **Essa capacidade de me renovar toda à medida que o tempo passa é o que eu chamo de viver e escrever.** (LISPECTOR, 2008, s.p, grifo nosso).

Nesse fragmento, a autora nos mostra que o escritor é aquele sujeito que se constrói na temporalidade, que não se encerra em um estágio do tempo, já que o aprendizado da escrita é contínuo e se dá a cada momento como possibilidade de encontro com o papel em branco. Cada encontro com o ato de escrever representa, no dizer da autora, oportunidades de se renovar, de novas descobertas e, por isso, ela assume que é preciso escrever sempre. Nada mais coerente para alguém que postula que “para escrever o aprendizado é a própria vida se vivendo em nós e ao redor de nós”. (LISPECTOR, 2008, s.p.).

Mesmo que a autora esteja tratando do exercício do escritor de literatura e da escrita profissional, aqueles que concebem o trabalho com a escrita na escola podem tirar muito proveito dessa reflexão da autora para conceber o trabalho de escrita de seus alunos. Isso porque, ainda que a escola trabalhe também com um tempo (tempo do conteúdo, tempo das unidades, tempo de ler, tempo da gramática, tempo das avaliações...), é preciso considerar o tempo das descobertas e do aprendizado, que são diferentes para cada aluno. E deixar de considerar esse tempo é não respeitar o processo natural de desenvolvimento da escrita de cada aluno e, por conseguinte, artificializar o trabalho com a produção de textos, prática que a escola tem, como sabemos, conseguido realizar com bastante êxito.

Além disso, o trabalho laborioso e árduo com a palavra não deve fazer pensar que Clarice compreenda que o “bom escritor” seja aquele de estilo hermético. A autora nos ensina que o trabalho da escrita pode ser leve, sem ornamentos, sem enfeites. São diversas as passagens nas quais Clarice atesta essa sua inclinação por uma escrita de modo simples, por

uma linguagem enxuta. Para ilustrar esse aspecto, escolhemos as passagens que reproduzimos abaixo:

É que no fundo eu escrevo muito simples, sabe?
Eu escrevo simples. Eu não enfeito. (LISPECTOR, 1977, s.p.).

Pretendo, como já insinuei, escrever de modo cada vez mais simples. (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Sim, mas não esquecer que para escrever não-importa-o-quê **o meu material básico é palavra**. Assim é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evolui um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases. É claro que, como todo escritor, **tenho a tentação de usar termos suculentos: conheço adjetivos esplendorosos, carnudos substantivos e verbos tão esguios** que atravessam agudos o ar em vias de ação, já que palavra é ação, concordai? Mas não vou enfeitar a palavra, pois se eu tocar no pão da moça esse pão se tornará em ouro – e a jovem poderia mordê-lo, morrendo de fome. **Tenho então que falar simples** para captar a sua delicada e vaga existência. (LISPECTOR, 1998, p. 14-15, grifo nosso).

Vejo agora que esqueci de dizer que por enquanto **nada leio para não contaminar com luxos a simplicidade de minha linguagem**. Pois como disse a palavra tem que parecer com a palavra, instrumento meu. [...] (LISPECTOR, 1998, p. 23, grifo nosso).

Essas palavras de Clarice servem perfeitamente para refletirmos sobre a “predileção” que muitos produtores, especialmente alguns alunos, têm pelo uso de “termos suculentos” nas práticas de produção de textos, seja na sala de aula, seja em outros contextos (como na situação de processos seletivos, de vestibulares, por exemplo), como estratégia para, via de regra, tentar impressionar o leitor, o professor e/ou examinadores. Esses produtores parecem esquecer que, muitas vezes, não são os “adjetivos esplendorosos”, os “carnudos substantivos” e os “verbos esguios” que possibilitam melhor *captar* a essência do dizer e de se fazer entender. Esquecem, pois, que o “falar simples” pode dizer muito mais do que se pretende dizer e “levar mais depressa ao entendimento” (LISPECTOR, 2008, s.p.), que é o grande objetivo da interação comunicativa, também sob a forma da escrita de textos. Pode-se deixar o esmero com a linguagem para aqueles escritores que têm vocação para a preocupação de enfeitar, ou ainda para aqueles que têm como vocação para escrever “difícil” e/ou complicar o trabalho de compreensão de seu leitor/interlocutor.

Preocupar-se com o entendimento é premissa que sustenta todo ato de escrita. Fazer-se entender não se reduz, porém, ao “falar simples”. E Clarice tem plena convicção disso, quando pontua a preocupação com a destinação dos textos que escreve:

Porque é preciso mansidão e muita quando se fala com crianças. Vou inclusive simplesmente repousar. E falar devagar. Sem pressa contar a minha história de

galinha. Nessa história há alegrias e tristezas e surpresas. Não vê que até já estou mais mansa? (LISPECTOR, 2008, s.p.).

Ao mencionar que, quando se dirige a crianças “é preciso escrever com mansidão” e “nessa história há alegrias e tristezas e surpresas”, Clarice acentua a necessidade de se adequar o tipo de linguagem e o tema sobre o que se escreve ao tipo de interlocutor a quem se dirige³. Em qualquer ato interativo, e na escrita não é diferente, isso é condição de conquista da audiência/interlocutor/leitor, como também têm postulado diversos estudos linguísticos. Não considerar essa dimensão do ato de escrever é algo que, frequentemente, acontece na prática de escrita na escola, já que, como sabemos, o tipo de interlocução que se dá, nesse espaço, entre professor e aluno, nem sempre pode ser considerada uma interlocução no sentido estrito do termo. Quando, na atividade de produção de textos, produtor e interlocutor não se encontram na compreensão, perde-se de vista a interlocução como espaço de produção de sentidos e, em última instância, o papel constitutivo do outro na linguagem, papel esse que Clarice considera, ao demonstrar todo um interesse em se fazer entender pelas crianças.

Pensar a destinação, como faz Clarice, é também pensar esse outro elemento determinante do exercício de escrever: o papel ativo do interlocutor. O produtor não apenas se dirige para seu interlocutor, ele conta com sua resposta ativa. É por isso que a autora, ao retomar uma carta de uma leitora sobre uma coluna sua publicada no *Jornal do Brasil*, fala de um leitor que é personagem ativo na atividade da escritora:

O personagem *leitor* é um personagem curioso, estranho. Ao mesmo tempo que inteiramente individual e com reações próprias, é tão terrivelmente ligado ao escritor que na verdade ele, o leitor, é o escritor. (LISPECTOR, 2008, s.p., grifo da autora).

Como podemos perceber nas palavras da autora, o leitor desempenha um papel verdadeiramente ativo na cena da escrita. O produtor do texto antecipa as reações do leitor e constrói seu texto no horizonte dessas reações (do estado emocional do interlocutor às questões que ele pode levantar no processo de compreensão de determinado enunciado, palavra...), o que tira esse último da condição de um personagem coadjuvante da cena da escrita e o torna, em alguma medida, também um personagem principal, alguém responsável pelo que é escrito/produzido. Sua atuação vai, portanto, além dessa simples condição de

³ Clarice dá a entender que há restrições/determinações do gênero do discurso ou suporte que também interferem no tipo de linguagem que o produtor usa na interação com seu destinatário, como sugere o fragmento seguinte: “[...] Outro problema: num jornal nunca se pode esquecer o leitor, ao passo que no livro fala-se com maior liberdade, sem compromisso imediato com ninguém. Ou mesmo sem compromisso nenhum”. (LISPECTOR, 2008, s.p.).

coadjuvante, já que ambos, produtor e interlocutor/leitor, são duas personagens com papéis igualmente determinantes na cena da escrita.

A temática sobre a qual se escreve é mais uma dessas questões que perpassam as reflexões de Clarice Lispector. Nas reflexões da autora, é possível visualizar, pelo menos, dois instigantes direcionamentos sobre esse aspecto da atividade de escrita. O primeiro que apontamos diz respeito à condição do produtor de textos, que é confrontado com a necessidade de escrever sobre determinadas temáticas:

Vocês podem me dizer o que lhes interessa, sobre o que gostariam que eu escrevesse. Não prometo que sempre atenda o pedido: o assunto tem que *pegar* em mim, encontrar-me em disposição certa. Além do mais posso não saber escrever sobre o tema mencionado. Reservo-me o direito de dizer: não sei. (LISPECTOR, 2008, s.p. grifo da autora).

Nesses dizeres, Clarice explicita o que poderíamos denominar de condição de fragilidade do escritor/produtor, em situações em que ele precisa escrever sobre temas que não conhece e/ou domina. Mais do que isso, a autora resguarda o direito de o escritor/produtor não escrever sobre aquilo que ele desconhece. Essa é uma questão sumamente importante, sobretudo quando se vislumbra a escrita de textos na escola, porque, nesse espaço, o aluno também é, muitas vezes, confrontado com a necessidade de escrever textos a respeito de temáticas sobre as quais ele têm pouco ou nenhum conhecimento. E, como sabemos, no caso dos textos dissertativos, tipologia mais comumente produzida na escola, o resultado é um produto sem argumentação consistente, sem profundidade no tratamento do assunto e sem posicionamento claramente definido. Importa que o aluno se veja obrigado a escrever, e escrever sobre qualquer coisa.

Clarice nos ensina, porém, que, quando não se domina um determinado tema, o caminho pode ser outro. Se ela, como escritora profissional resolve não escrever, a escola pode, pelo menos, se colocar na escuta quando o aluno dá mostras de que não tem nada ou quase nada a “dizer”, compreendendo que, no momento em que o aluno nada escreve, é porque, certamente, ele pode não conhecer e não saber desenvolver aquela temática. Persistir na ideia de obrigar o aluno a escrever nessas circunstâncias representa não só um risco de reprovação, mas também uma forma de o afastar ainda mais de situações autênticas de escrita.

Clarice nos instiga ainda a refletir sobre a questão da exiguidade de determinada temática, que, muitas vezes, impede o processo de escritura de se desenvolver plenamente:

Sinto em mim que há tantas coisas sobre o que escrever. Por que não? O que me impede? A exiguidade do tema talvez, que faria com que este se esgotasse em uma

palavra, em uma linha. Às vezes é o horror de tocar numa palavra que desencadearia milhares de outras, não desejadas, estas. No entanto, o impulso de escrever. O impulso puro - mesmo sem tema. Como se eu tivesse a tela, os pincéis e as cores - e me faltasse o grito de libertação, ou a mudez essencial que é necessária para que se digam certas coisas. (LISPECTOR, 2008, s.p.).

Clarice aponta aí que há temas que se esgotam em uma palavra, em uma linha. Poderia ser em um parágrafo, como acontece, frequentes vezes, com o aluno em uma situação de escrita de redação de vestibular, por exemplo. Imaginamos aqui que sejam aqueles temas que são pouco acessíveis, que dificultam o despertar do desenvolvimento das ideias, e que, geralmente, acabam angustiando o escritor/produtor. Isso é um convite para pensarmos e refletirmos melhor sobre que temáticas solicitar em provas de produção de textos em processos seletivos e no dia a dia de sala de aula, para não incorreremos no risco, real e possível, de o aluno, em vez de escrever um texto de qualidade, entregar ao professor a folha em branco. É um convite ainda para pensarmos que, ao ato da escrita propriamente, devem preceder atividades de preparação do produtor/aluno, as quais envolvam leituras, tomadas de notas, debates, novas leituras, etc., para que, assim, ele adquira condições de escrever sobre a temática que lhe é solicitada.

Quando se trata de pensar aspectos que compreendem a tessitura do texto, Clarice Lispector invoca a discussão sobre forma e conteúdo. Em relação a essa questão, a posição da escritora é precisa e segura: não separar forma de conteúdo. Ela defende e insiste na inter-relação entre forma e conteúdo mais de uma vez.

Fala-se da dificuldade entre a forma e o conteúdo, em matéria de escrever; até se diz: o conteúdo é bom, mas a forma não, etc. Mas, por Deus, o problema é que não há de um lado um conteúdo, e de outro, a forma. Assim seria fácil: seria como relatar através de uma forma o que já existisse livre, o conteúdo. Mas a luta entre a forma e o conteúdo está no próprio pensamento: o conteúdo luta para se formar. Para falar a verdade, não se pode pensar num conteúdo sem sua forma. Só a intuição toca na verdade sem precisar nem de conteúdo nem de forma. A intuição é a funda reflexão inconsciente que prescinde de forma enquanto ela própria, antes de subir à tona, se trabalha. Parece-me que a forma já aparece quando o ser todo está com conteúdo maduro, já que se quer dividir o pensar ou escrever em duas fases. A dificuldade de forma está no próprio constituir-se do conteúdo, no próprio pensar ou sentir, que não saberiam existir sem sua forma adequada e às vezes única. (LISPECTOR, 2008, s.p.).

Porque escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz conteúdo. Escrevo portanto não por causa da nordestina mas por motivo grave de “força maior”, como se diz nos requerimentos oficiais, por “força de lei”. (LISPECTOR, 1998, p. 18, grifo da autora).

Clarice se opõe radicalmente à ideia de que há uma forma sem um conteúdo e de que há um conteúdo fora de uma forma. São duas faces de uma mesma moeda que interagem no projeto de construção de um dizer, seja ele literário ou não.

Mesmo que o dizer da autora se apresente como uma resposta aos debates inscritos no campo da literatura, é possível trazer esse dizer para conceber a escrita de um modo geral, em especial aquela realizada na escola. Podemos relacionar esse dizer a discursos como “o que importa é o conteúdo, menino”, quando se trata de falar sobre a produção de textos na escola.

Evidentemente que, no texto literário, a forma parece ter um papel mais importante. Não se pode esquecer, porém, seja qual for o gênero, que não se pode privilegiar um em detrimento do outro. É preciso considerar que mesmo em tipologias do discurso, como o texto dissertativo escolar, o conteúdo também se concretiza na/pela forma. Com isso, é fundamental que seja dada a devida importância à forma no trabalho com a escrita, especialmente na escola, espaço no qual o que parece mais importar costuma ser o conteúdo. Porque, como sabemos, na escola, a abordagem da forma tende a ser confundida com exploração de aspectos meramente gramaticais, ou ainda de estruturação do parágrafo, tomados, quase sempre, fora do funcionamento do texto. Seguindo o que nos diz Clarice, isso representa um equívoco na compreensão do trabalho com a escrita.

Um texto que reflete sobre escrita não poderia ser finalizado sem evocar a questão da reescrita. Porém, surpreendentemente, nos dois textos de Clarice tomados para reflexão, podemos perceber que a reescrita não parece ter ocupado a atenção da autora. O único momento em que o termo reescrever aparece é em uma passagem de *A descoberta do mundo*, mas para se referir à escrita de um romancista e não a sua própria escrita: “Trabalha por disciplina, sem esperar por inspiração: escreve sempre, mesmo que seja para jogar fora ou refazer 30 vezes. Para ele, reescrever é mais importante que escrever”. (LISPECTOR, 2008, s.p.). Isso pode ser um sinal de apreço de Clarice por esse procedimento da escrita do romancista. Se o termo “reescrita” não aparece textualmente quando Clarice fala sobre sua escrita, não significa, certamente, que a escritora não considere esse procedimento. Logo é possível entender que a autora concebe que o reescrever é uma etapa importante no processo de escrita, quando, em *A descoberta do mundo*, menciona a necessidade do procedimento de um tempo, de *descanso*, para se voltar sobre o texto e *cortar* “qualquer brilho excessivo aos olhos e qualquer aspereza”.

E como pretendo escrever uma história infantil chamada A vida de Laura - é o nome de uma galinha - precisarei descansar um pouco e cortar qualquer brilho excessivo aos olhos e qualquer aspereza. (LISPECTOR, 2008, s.p.).

Para quem trabalha efetivamente com escrita, incluindo aí mesmo a escola, não é novidade que o *tempo de descanso* de que fala Clarice é aquele tempo do afastamento temporal – muitas vezes de inúmeras idas e vindas – necessário para enxergar as limitações do texto e promover os cortes e as alterações necessárias para a melhoria do produto final da escrita. É um procedimento que pode e deve ser cada vez mais valorizado e não apenas na escola, já que se trata de um elemento inerente a toda atividade de escrita concebida como processo interativo.

Dito isso, resta, para dar por encerradas as lições, acrescentar que, já que escrever é uma forma de comunicação com o mundo e uma forma privilegiada de estabelecer contato com a instância do interlocutor, é preciso contribuir para que o aluno possa vencer o medo de se colocar diante do papel em branco e trabalharmos para tornar o exercício da escrita uma prática comunicativamente relevante. A escola pode contribuir para que isso aconteça, estimulando os alunos a escreverem cada vez mais e sempre dentro de situações autênticas de interação comunicativa. Afinal, como nos ensina Clarice, aprende-se a escrever, escrevendo. A mágica que existe é escrever, escrever e escrever, continuamente, sempre pensando a prática da escrita como uma forma de estabelecer *contato com o outro e com o mundo*, como exercício *divinizador do ser humano* que é fazer uso da palavra, como lição maior que nos ensina Clarice Lispector.

3 Conclusão

No presente trabalho, percorremos escritos de Clarice Lispector, particularmente as reflexões da escritora sobre o ato de criar/escrever textos, para delas tirar algumas lições para pensarmos tanto a atividade de escrita de um modo geral, como a produção de textos na escola, em particular.

É evidente que um texto como este não esgota as possibilidades de se problematizar a escrita a partir dos escritos de Clarice Lispector. Por isso, este trabalho é mais um exercício pessoal de tentar encontrar e sistematizar algumas reflexões sobre a escrita a partir de uma autora que, fora do campo da investigação linguística e do campo da educação, se apresenta como uma importante referência para um tratamento instigante e produtivo no debate sobre a temática da escrita.

Como mostram as lições recuperadas aqui, Clarice Lispector é um desses escritores com os quais podemos descobrir e aprender muito sobre o exercício da escrita, e não apenas

da escrita profissional. Após esta leitura, fica a certeza de que nós, que somos da escola e que a fazemos, precisamos conhecer mais de perto e mais profundamente os textos de Clarice e aprender com suas reflexões, como uma alternativa, talvez, aos textos acadêmico-científicos que, não raras vezes, se deparam com dificuldades para encontrar interlocutores na escola e de se fazerem refletir mais concretamente nas práticas de sala de aula da educação básica.

Referências

LISPECTOR, C. Depoimento a Afonso Romano de Sant'Anna, Marina Colassanti e João Salgueiro. In: **Coleção depoimentos**. Museu da Imagem e do Som (MIS). Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1976. In: NUNES, B. A paixão segundo G.H – edição crítica. S. H. Documento eletrônico, s.d., p. 302.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Roco, 1998.

LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Roco, 2008. Disponível em: <http://minhateca.com.br/nonedoubt/Documentos/last+books/LIVROS/Clarice+Lispector/Clarice+Lispector+-+A+Descoberta+Do+Mundo,2365784.pdf>. Acesso em 29 jul. 2014.